

Prática da Crítica

Críticas - De repente fica tudo preto de gente

12/03/2014

By Julia Guimarães

In Prática da Crítica



O espectador em deslocamento

Por Soraya Belusi – Horizonte da Cena

“Forma um bolo lá na frente”, instrui o homem na fila de entrada do teatro, como quem antecipa o que virá adiante. Em vez das cadeiras corretamente alinhadas, da comodidade do lugar marcado, da segurança presente na distância que separa palco e plateia, um platô que pode ser ocupado da maneira que o espectador preferir, deslocando-o de sua usual posição de passividade. Em De repente tudo fica preto de gente, não são apenas os corpos dos performers que se colocam em movimento. Mais que andar pelo espaço, o público é provocado a mover-se de seu estado habitual, a colocar sua própria fisicalidade em jogo e a expor-se também ao olhar do outro.

A criação de Marcelo Evelin e sua companhia Demolition Inc. não nos faz mais indagar, como sintoma das poéticas híbridas que se afirmam na contemporaneidade, se o que está diante dos nossos olhos é dança ou não. Esta pergunta parece não responder outra que se impõe de maneira ainda mais potente na fruição do espetáculo, ao voltar o questionamento não somente ao artista acerca dos procedimentos escolhidos por ele, mas, principalmente, a nós mesmos, espectadores, de como nos relacionamos com o que nos é apresentado.

O efeito que a proximidade entre performers e espectadores assume sobre o ato teatral-performativo, já ressaltado em teorias e práticas cênicas ao longo da história recente, parece ser também uma das forças de ação que constituem a explosão de percepções e possibilidades que De repente tudo fica preto de gente nos suscita. Em suas ondas de movimento – da aglutinação à degeneração, da integração à individualização, da estagnação ao deslocamento –, as massas corpóreas dos performers mobilizam também estados distintos no público, do desejo à repulsa, da entrega à negação, da aproximação ao afastamento.

Não se trata mais apenas de colocar em crise a cognição do espectador ou de provocar sua transição pelo espaço, mas também de fazer-lhe assumir uma postura diante dos corpos com os quais compartilha a experiência. A ocupação compartilhada entre criadores e espectadores no platô coloca em confronto, como num ringue, as tradicionais convenções de quem age e de quem é apenas o alvo da recepção. Está posta ao público a possibilidade de, assim como a massa que pode se tornar imprevisível, romper o círculo da convenção artística e social que o estabelece apenas como observador da ação do outro, permite que este desestabilize as fronteiras estabelecidas da espera e possa avançar rumo à ação, normalmente delegada somente aos artistas. O lugar institucionalizado do espectador é colocado em xeque.

De repente tudo fica preto de gente demanda do público estabelecer também um comportamento físico, tornando-se, assim como os performers, uma força propulsora das dinâmicas que se estabelecem no espaço e no tempo do acontecimento performático, permitir-se ou não o contato, entregar-se ou não ao contágio, realizar ou não o toque, deixar-se, ou não, perceber a si mesmo e ao mundo através da pele e dos rastros que nela ficam.

Blog - Prática da Crítica

Metacrítica - Ubu e a Comissão da Verdade

26/03/2014

As artes e o todo Maria Eugênia de Menezes, do Teatrojornal, em diálogo com o Coletivo de Críticos (*)

Metacrítica - Escola

26/03/2014

A linguagem desilude o discurso Valmir Santos, do Teatrojornal, em diálogo com o Coletivo de Críticos (*)

Metacrítica - Cineastas

26/03/2014

Revisitando Cineastas ou dois frames de críticas gerando um quadro (crítico) Por Ana Carolina Marinho, da Antro Positivo, em diálogo...

Metacrítica - Hamlet

26/03/2014

Quero a desconfiância de Hamlet Ivana Moura, do Satisfeita, Yolanda?, com Maria Eugênia e Coletivo de Críticos (*)

Metacrítica - Eu não sou bonita

26/03/2014

Reflexões da perturbação Luciana Romagnolli, do Horizonte da Cena, em diálogo com Suely Rolnik e Coletivo de Críticos (*)

Metacrítica - Gólgota Picnic

26/03/2014

Atravessando o território do Gólgota Pollyanna Diniz, do satisfeita, Yolanda?, em diálogo com o Coletivo de Críticos (*)

Metacrítica - De repente fica tudo preto de gente

26/03/2014

Percepções em deslocamento Soraya Belusi, do Horizonte da Cena, em diálogo com o Coletivo de Críticos (*)

Metacrítica - Anti-Prometeu

26/03/2014

Por uma chama intempestiva Daniele Avila Small, da Questão de Crítica, em diálogo com Coletivo de Críticos

Metacrítica - “Nós somos semelhantes a esses sapos...” + Ali

26/03/2014

Equilíbrio delicado Ivana Moura, do Satisfeita, Yolanda?, em diálogo com o Coletivo de Críticos (*)

Metacrítica - Bem-vindo a casa

26/03/2014

A realidade do fracasso como discurso estético Ruy Filho, da Antro Positivo, em diálogo com o Coletivo de Críticos (*)

Notícias

Peter Pál Pelbart analisa Gólgota Picnic: leia aqui o texto na íntegra

21/03/2014

Gólgota Picnic, ou sobre a teologia da destruição Peter Pál Pelbart

Vladimir Safatle: “Ninguém aqui pediu perdão pelos crimes da ditadura militar”

O campo ampliado das artes cênicas

Por Daniele Avila Small – Questão de Crítica

A presença da obra de Marcelo Evelin, De repente fica tudo preto de gente, na programação da MITsp, que é uma mostra de teatro, é uma questão interessante para se pensar. Os campos do teatro e da dança nem sempre têm a oportunidade de convívio que aqui se desenha. Diante do compromisso de escrever sobre um espetáculo de dança – e especialmente tratando-se de uma obra com o nível de complexidade da que está em questão – me vejo diante de um problema para a crítica: o paradigma das categorias como campos separados de experiência e saber. O fato de a minha formação ser em teoria do teatro, sem estudos específicos na área de dança, é algo que à primeira vista me constrange o pensamento. Mas, afinal, o que é dança? E o que é teatro?

A ampliação dos campos nas artes – uma ideia que pode ser vislumbrada com a leitura de A escultura no campo ampliado, de Rosalind Krauss – é uma questão para a crítica de teatro. O teatro contemporâneo e a dança contemporânea não se definem hoje por aquilo que os definia algumas (muitas?) décadas atrás, como por exemplo, no caso da dança, a coreografia, no caso do teatro, o drama; embora o discurso comum não tenha assimilado de fato essa virada de liberdade criativa. Ainda vemos críticos escrevendo que algo “não é teatro” com uma convicção constrangedora. Não é a coreografia que define a dança, nem o drama que define o teatro – e as noções mesmas de coreografia e de drama podem ser bem mais amplas do que costumamos pensar. Não é o caso de tirar de cena a coreografia, nem de superar o drama.

Em uma reflexão apressada (uma contradição em termos) me parece que a fundamentação conceitual do espetáculo De repente fica tudo preto de gente em um princípio da física, ou seja, a presença forte de uma ideia orientadora que não está restrita à categoria dança, é algo que amplia o campo, que liberta a criação da repetição de um mero exercício do fazer, de uma variação sobre procedimentos dados. É nesse sentido que me parece que o espetáculo em questão é para qualquer um, porque ele não demanda nenhum conhecimento prévio do espectador, ele simplesmente se dá à experiência. Penso que o contemporâneo não está em um conjunto de premissas estéticas e reflexões endógenas, mas na natureza da relação com o espectador.

Com isso em mente, levanto o olhar para o contexto da MITsp para pensar o lugar deste trabalho no contato com outros assistidos até agora – até porque a ideia de contato e a subsequente contaminação entre corpos é algo que o espetáculo de Marcelo Evelin nos faz viver. O espectador é fisgado para dentro das obras em três instâncias diversas em Sobre o conceito de rosto no filho de Deus, Bem-vindo a casa e De repente fica tudo preto de gente. No primeiro, a relação é subjetiva, impalpável e demanda uma disponibilidade de espírito do espectador. No segundo, o público é convidado a fazer parte da situação ficcional que se estabelece. No terceiro, o espectador, sua materialidade corpórea, é parte indispensável da visualidade e do movimento da cena, tornando-se parte da experiência do grupo de espectadores presentes. Fica tudo preto de gente mesmo.

Mas o preto das imagens criadas por Marcelo Evelin não é opaco. É um preto translúcido que convida o olhar para a beleza do escuro. Na prática da crítica, esse é o grande desafio: mais que discorrer sobre o que já se sabe, trabalhar a musculatura do olhar para enfrentar a escuridão. E o pensamento, como os olhos no escuro, precisa de tempo para começar a discernir as imagens nas sombras.

* Durante a mostra, serão postadas aqui críticas diárias dos espetáculos da programação, escritas por integrantes do Coletivo de Críticos. Leia mais sobre as ações do Coletivo de Críticos na seção Olhares Críticos deste site.

Compartilhar:



16/03/2014

Após a estreia do espetáculo Ubu e a Comissão da Verdade na MITsp, ontem (15), o filósofo e professor da USP Vladimir...

Dois olhares sobre Gólgota Picnic

15/03/2014

Quem acompanhou as ações da MITsp de ontem (14) encontrou pelo menos dois olhares distintos sobre um dos espetáculos mais...

Suely Rolnik discute o espetáculo Eu não sou bonita

14/03/2014

A apresentação de estreia de Eu não sou bonita na noite de ontem (13) deve ficar marcada como um dos...

Laymert Garcia analisa Sobre o conceito de rosto no filho de Deus: leia aqui o texto na íntegra

14/03/2014

Sobre o conceito de rosto no filho de Deus Societas Raffaello Sanzio – Romeo Castellucci Mostra Internacional de Teatro de...

Manutenção do CIT-Ecum é debatida no Fórum de Encontros

13/03/2014

Construir uma mesa coletivamente. Essa foi a ação que serviu como ponto de partida para as atividades do Fórum de...

Bem-vindo a casa terá três sessões extras

12/03/2014

Devido à grande procura do público pelo espetáculo Bem-vindo a Casa, a MITsp conseguiu, junto à equipe do espetáculo, que fossem realizadas...

Roberto Suárez: “Buscamos uma relação com o público pela via do afeto”

12/03/2014

Responsável por um dos espetáculos mais concorridos da MITsp – Bem-vindo a casa - o diretor uruguaio Roberto Suárez conversou ontem...

Felipe Hirsch e atores do MPTA refletem sobre “Nós somos semelhantes...” *Ali

11/03/2014

Na noite de ontem (10), o diretor de teatro Felipe Hirsch e os atores Ali e Hedi Thabet conversaram com o...

Castellucci conversa com público via videoconferência

10/03/2014

O segundo dia (9) da MITsp foi marcado por uma série de reflexões acerca do espetáculo Sobre o conceito de...



RECENTES

TWITTER

Mostra Internacional de Teatro marca seu espaço na cena e confirma próximas edições - Jornal O Globo oglobo.globo.com/cultura/most...
[@JornalOGlobo](https://twitter.com/JornalOGlobo)

Cerca 3 semanas atrás a partir de MITsp's Twitter via [Tweet Button](#)

LIKE

FACEBOOK

© Ecum Central de Produção
 by [3TD/Linke](#)

FALE CONOSCO

Contatos

MITsp - Mostra Internacional de Teatro de São Paulo

55 11 2158 0877

Rua da Consolação, 1623 Consolação, São Paulo, SP, 01301-100

[ENVIAR MENSAGEM POR E-MAIL](#)

Perfis Sociais

